

## Pesquisa Crítica em Estudos Organizacionais e seu Potencial emancipador: reflexões iniciais a partir do discurso de entrevistados

Luciana Holanda Nepomuceno<sup>1</sup>, Ana Cristina Batista-dos-Santos<sup>2</sup>, Ilona Zsuzsanna Kovács<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Semiárido, Brasil e Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa, Portugal. luciananepomuceno@ufersa.edu.br

<sup>2</sup> Universidade Estadual do Ceará, Brasil. anabatistauece@gmail.com

<sup>3</sup> Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa, Portugal. ilona.kovacs@oninet.pt

**Resumo:** Considera-se que a ciência possui dimensão ética e estética, que é construção social e que o conhecimento tem potencial emancipatório, e sua qualidade pode ser aferida pela satisfação pessoal que proporciona a quem a ele acede e partilha. Geralmente esta afirmativa é referida ao papel do pesquisador, mas, desde que começamos a produzir na área de estudos organizacionais em uma perspectiva crítica, perguntamo-nos sobre a satisfação pessoal, a construção de conhecimento e as possibilidades emancipatórias para os pesquisados. Esse trabalho discute características da pesquisa qualitativa crítica nos estudos organizacionais, apresenta e reflete sobre o percurso de duas pesquisas, desde o planejamento até a análise das respostas dos entrevistados sobre o processo que vivenciaram. Opta-se pelo desenvolvimento em forma de ensaio. Ao final do mesmo, não se pretende que o leitor encontre uma conclusão, mas que a leitura proporcione a emergência de questionamentos sobre sua própria práxis como pesquisador.

**Palavras-chave:** Pesquisa crítica. Emancipação. Metodologia qualitativa. Entrevistas. Estudos organizacionais.

**Critical Research in Organizational Studies and its emancipatory potential: initial reflections from respondents' speech**

**Abstract:** It is considered that science has ethical and aesthetic dimensions; science is a social construction; knowledge has emancipatory potential and its quality can be measured by the personal satisfaction that it provides to whom it accedes and shares. Usually this statement refers to the role of the researcher, but we wonder how personal satisfaction and emancipatory possibilities affect the subjects participating in the process as surveyed. This paper discusses the general characteristics of qualitative critical research in the field of organizational studies, while presenting and reflecting on the course of two specific researches, from planning the same to the analysis of the responses of the interviewees about the process that experienced. We opted for development in essay. By the end, it is not expected that the reader finds a conclusion, but that reading provides the emergence of questions about his own experience as a researcher.

**Keywords:** Critical Research. Emancipation. Qualitative Methodology. Interviews. Organizational Studies.

### 1 Reflexões Iniciais

Considera-se que a ciência possui dimensão ética e estética, que é construção social e que o conhecimento tem potencial emancipador e sua qualidade pode ser aferida pela satisfação pessoal que proporciona a quem ele acede e partilha (Santos, 2004). Geralmente, esta afirmativa é referida ao papel do pesquisador; mas desde que começamos a produzir juntas na área de estudos organizacionais em uma perspectiva crítica, perguntamo-nos sobre a satisfação pessoal, a construção de conhecimento e as possibilidades emancipatórias no que tange aos sujeitos que participam do processo como pesquisados. Dada esta inquietação, na elaboração do instrumento de coleta de dados das nossas respectivas pesquisas de doutorado, incluímos, ao fim da entrevista, uma questão avaliativa versando sobre a mesma. O propósito era acompanhar de forma contínua as implicações

do processo metodológico vivido em campo, possibilitando nossa reflexão como pesquisadoras sobre a dinâmica da entrevista e o instrumento utilizado, como também procurando facilitar aos entrevistados uma reflexão sobre seu próprio discurso e lugar na produção desse conhecimento específico, explorando, assim, o potencial de emancipação de uma entrevista qualitativa crítica.

Esse trabalho discute as características gerais da pesquisa qualitativa crítica no âmbito dos estudos organizacionais ao mesmo tempo em que apresenta e reflete sobre o percurso de pesquisas específicas, desde o planejamento das mesmas até a análise das respostas dos sujeitos entrevistados sobre o processo que vivenciaram. Este é o território que percorremos neste trabalho, o real concreto que investigamos, tal como entendido por Faria (2015: 24):

Para apropriar-se do real concreto, especialmente no desenvolvimento do conhecimento científico, o sujeito toma como ponto de partida esse real e não a ideia que tem sobre ele. O real concreto é levado para o pensamento como reflexão, indagação, tensionamento, dúvida, elaboração, enfim, é tomado como abstração até que se torne real pensado, até que o sujeito seja capaz de reproduzir o real concreto pela via do pensamento como real pensado. O ponto de partida é o ponto de chegada, não mais como real concreto de onde se saiu, mas como concreto pensado.

Optamos pelo desenvolvimento da questão em forma de ensaio. Um ensaio, primeiro, no sentido mais comum, de tentativa, esboço. Um vislumbre do que pode vir a ser. Um ensaio, também, no sentido mais acadêmico, de reflexão e argumentação. Ao final do mesmo, não se pretende que o leitor encontre uma conclusão ou resposta, mas que a leitura proporcione interesse, reflexão e, com sorte, a emergência de questionamentos sobre sua própria experiência como pesquisador. O ensaio se apresenta como uma opção de apresentação da trajetória de uma pesquisa crítica dado que, segundo Adorno (1986: 174),

o ensaio não compartilha a regra do jogo da ciência e da teoria organizadas, segundo as quais, como diz Espinosa, a ordem das coisas seria a mesma que a das ideias (...); o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou intuitiva. O ensaio não quer captar o eterno nem destilá-lo do transitório (...). Naquilo que é enfaticamente ensaio, o pensamento se libera da ideia tradicional de verdade.

## 2 A crítica como farol

A pesquisa qualitativa crítica, sendo a crítica tomada no sentido relacionado aos trabalhos da Escola de Frankfurt, caracteriza-se pela análise das práticas sociais, desvelando as explicações da realidade sistematicamente distorcidas e suas ideologias subjacentes que buscam ocultar e legitimar as relações assimétricas de poder (Held, 2001). Tal processo não se dá de forma linear, causal, mas como uma relação dinâmica objeto↔sujeito ou matéria↔consciência, mediada pelo pensamento. Assim, efetua-se um empreendimento de apropriação do real concreto como real pensado, dificultando a fuga do pensamento como um elemento exterior e anterior à relação (Faria, 2015). Nossos trabalhos, orientados nesta perspectiva, alicerçam-se na compreensão de que o conhecimento deve ser construído historicamente, criticamente, dialeticamente e hermeneuticamente (Horkheimer, 2002).

Um aspecto importante e constantemente lembrado no decorrer dos referidos estudos é a exigência de que uma pesquisa crítica faça a crítica sistemática de si mesma, da teoria que espasa e como o faz, dos procedimentos, do processo de tratamento dos dados, da síntese dos resultados, enfim, uma reflexão crítica que se inicia antes do recorte do objeto e definição da pergunta de

pesquisa, e que não se esgota na elaboração dos documentos e relatórios finais do estudo. Antes, possibilita que o conhecimento produzido pelos mesmos faça emergir outros questionamentos. Os trabalhos discutidos neste ensaio inscrevem-se na agenda de pesquisa dos estudos organizacionais críticos, na medida em que são balizados pela 1) promulgação de uma visão desnaturalizada da administração; 2) intenções desvinculadas da performance empresarial; e 3) ideal emancipatório (Alvesson & Deetz, 1998; Davel & Alcadipani, 2003). Entendemos que, nesta perspectiva, não há uma metodologia crítica padrão e homogênea a ser utilizada de maneira indiscriminada, pois isto faria desta metodologia um modelo acrítico, dissociado do objeto, do campo, das questões do pesquisador, do contexto em que o trabalho se desenvolve, entre outras limitações decorrentes da adoção de um modelo único e apriorístico.

### 3 O planejamento da pesquisa

Entendemos que as ciências sociais – e neste escopo os Estudos Organizacionais - ao tratarem de um objeto que incorpora o sujeito pesquisador, demandam uma abordagem que compreenda a relação dialética entre sujeito e objeto e, ainda, tenha a história e suas implicações como integrantes da aproximação com o fenômeno tratado (Demo, 1990). Esta demanda se acentua quando o pesquisador – como nos aconteceu – escolhe pesquisar a partir de uma perspectiva crítica. O planejamento da pesquisa, nesta concepção, prescinde da frequente fetichização (positivista) do método pelo método (Adorno, 2008) e se caracteriza por uma reflexão sistemática sobre as opções teóricas e metodológicas que vão sendo realizadas ao longo do processo. Assim, pretende-se evitar o risco de aprisionar temas, objetos, objetivos de pesquisa e a nós mesmos aos procedimentos técnicos, confundindo rigor científico com rigidez metodológica. Evitamos qualquer pretensão de separação, como pesquisadores, do mundo e objetos que investigamos, compartilhando, portanto, da crença na impossibilidade de neutralidade científica e axiológica do pesquisador (Adorno, 2008).

Nossos trabalhos buscaram seguir estes marcos delimitadores: 1) foco no “como” e no “porquê” buscando, nesta medida, a compreensão e não apenas a descrição dos fenômenos; 2) atenção permanente às contradições presentes nas narrativas; 3) compreensão do conhecimento produzido como originado parcialmente pelo pesquisador e sua bagagem teórica e vivencial, pela narrativa e conhecimentos dos sujeitos envolvidos e pela interação com os sujeitos pesquisados – enquanto relação humana específica e historicamente contextualizada. O interesse foi pela práxis dos sujeitos e suas formas de narrá-la, entendendo que é nesta relação entre práxis e linguagem que se torna possível o processo de humanização e conscientização do sujeito, enfim, sua emancipação.

As pesquisas, então, foram planejadas e realizadas em uma perspectiva dinâmica, considerando a interdependência entre momentos diversos tais como: levantamento do estado da arte e definição dos problemas, construção dos caminhos metodológicos e relação dos mesmos com as escolhas epistemológicas e políticas dos pesquisadores, coleta de dados e referências teóricas, tratamento dos dados e renovado olhar sobre bibliografias que contribuíssem na compreensão dos resultados. Os objetos de estudo foram delimitados compreendendo-os como produtos de uma gênese histórica, colocando-nos como sujeitos ativos e que contribuem na co-determinação do objeto. Assim, ao nos posicionarmos (como, por exemplo, escolhendo ouvir os trabalhadores do chão de fábrica, lugar de fala geralmente silenciado no par capital *versus* trabalho) contribuímos na negação das forças de determinação, objetivando superar a noção de objeto como dado na sua aparência imediata e tomando-os na sua especificidade, produtos que são de uma história social e particular, tal como discute Vilela (2009). Nosso posicionamento converge com a proposição de Faria (2015: 16) quando afirma que uma pesquisa realizada em uma perspectiva crítica configura-se como

um processo que tem o real como primazia e que a relação do sujeito pesquisador com o concreto não é direta, imediata, simples e definitiva. Há um ir e vir necessário entre o sujeito e a realidade estudada para que ele possa apreendê-la em sua totalidade cognoscível e, portanto, em sua essência dinâmica e contraditória, e não apenas em sua aparência fenomênica.

Uma metáfora aproximada seria a do movimento do pêndulo onde um polo representaria o nicho teórico e o outro o campo empírico e o movimento do pêndulo indica que quanto mais mergulhamos no campo e nas suas determinações sócio históricas, maior a demanda de aprofundamento teórico; e, quanto mais construímos conhecimento teórico sobre a realidade material mais abalazadamente nos inserimos nela e a transformamos e somos por ela transformados. Compreendemos que a realidade material do campo empírico se constitui, também, dos sujeitos participantes da pesquisa e que a experiência como participante também traz um potencial de transformação e dinâmica para os mesmos assim como para os pesquisadores.

#### 4 A construção do instrumento de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados foram pensados tentando seguir a pista metodológica deixada na obra de Adorno, a saber, procurar tensionar o aparente e o real, buscar objetivar a realidade, favorecer com o instrumento o confronto dialeticamente objetivado entre aquilo que algo promete ser e o que é na realidade (Teixeira & Napoles, 2008). A técnica de pesquisa que empregamos em nossas investigações foi a entrevista. Esta definição se deu dadas as características e possibilidades da mesma, entendendo que as entrevistas nos colocam em contato com as informações via fala dos atores sociais (Minayo, 2000) e possibilitam nos aprofundar na complexidade do problema (Richardson et al, 1985). Atraiu-nos também aspectos como: observação da maneira como as informações são fornecidas, podendo revelar contradições; expressão de emoções, maior profundidade no tratamento dos assuntos pesquisados; estabelecimento de uma relação de confiança entre pesquisador e pesquisado (Goldenberg, 1997).

Ao elegermos as entrevistas como ferramenta, buscamos favorecer a emergência da lembrança do cotidiano, o agir dos sujeitos, sua práxis. Entendemos, como Kramer (2001), que as entrevistas correspondem a espaços de produção de narrativas apresentando textos passíveis de compreensão, uma vez que originados na fala individual que é “reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e ao mesmo tempo tem a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas” (Minayo, 2000: 109-110).

Em uma das investigações utilizou-se a técnica de entrevista narrativa e em profundidade. As questões para a entrevista foram construídas e estruturadas de forma a permitir atingir o objetivo da pesquisa, compreender criticamente os sentidos de trabalho e relações de trabalho construídos pelos trabalhadores da indústria automobilística no âmbito do capitalismo flexível, via uma aproximação progressiva das questões centrais. De início, colocou-se os itens relativos à caracterização do sujeito entrevistado. A seguir, o levantamento de dados relativos à vida profissional do sujeito, seguindo para a caracterização da mesma na organização pesquisada. Nesse momento, também foram feitas as questões relativas à relação do sujeito com e na organização, com itens que focavam aspectos da estrutura e funcionamento da organização. Por fim, apresentaram-se as questões relacionadas mais diretamente ao objeto de estudo, as dimensões do sentido do trabalho, a saber: a) a dimensão individual, que abrange aspectos como satisfação pessoal, autonomia, sobrevivência, crescimento, identidade e aprendizagem; b) a dimensão organizacional, que compreende a utilidade do trabalho e os relacionamentos; c) a dimensão social, que refere-se

ao sentimento de executar um trabalho que contribua para a sociedade e à integração social. No fim da entrevista, foram lançadas questões avaliativas sobre o próprio processo da entrevista, com ênfase no sentimento e na vivência do sujeito entrevistado.

No outro trabalho, que buscava compreender criticamente as concepções do campo administrativo sobre os construtos administração e administrador, em tempos de capitalismo flexível, decidiu-se pelo uso de tipos variados de entrevistas: (i) entrevista narrativa com história de vida; (ii) entrevista com uso de elementos-estímulo; e (iii) entrevistas narrativas ficcionais. Esses tipos foram adaptações feitas a partir de múltiplas técnicas, configurando uma espécie de *mix* metodológico, coerente com a prática do artesanato intelectual (Mills, 2008).

O primeiro tipo de entrevista valorizou a dimensão narrativa e os elementos de história de vida. O segundo tipo, utilizando como recurso o elemento-estímulo, buscava obter o máximo de informação multidisciplinar (de cunho sociológico, psicológico, político) relevante e necessária à pesquisa, sem transformar a entrevista em um interrogatório. Os variados elementos-estímulos convidavam os entrevistados a discorrer sobre a temática central, facilitando ao pesquisador condições de exame do tema em termos de experiências subjetivas, de afetos e conhecimentos, de teorias e práticas as mais próximas da realidade de uma relação entre iguais. O terceiro tipo de entrevista utilizado foi a entrevista narrativa ficcional, uma combinação e adaptação das técnicas da entrevista narrativa tradicional (Jovchelovitch & Bauer, 2002) e da entrevista ficcional (Albandes-Moreira, 2002; Batistados-Santos, 2005). Buscou-se, com esse instrumento, coletar dados narrativos “descolados” dos eventos fáticos, porém plenamente imbricados nas representações dos sujeitos de pesquisa.

## 5 O Outro na pesquisa: a relação sujeito *versus* sujeito

Compreendemos o processo de pesquisa como uma relação entre sujeitos, sujeitos-pesquisadores e sujeitos-pesquisados, todos ativos, construtores de sentido e passíveis de transformarem a realidade (no sentido macro, mas também a realidade específica da pesquisa) e serem transformados por ela. Entende-se que as ações dos agentes, inclusive a participação em um procedimento de pesquisa, são ações modelizantes e interessadas, que ganham materialidade em contextos especificamente construídos e ideologicamente narrados (Albandes-Moreira, 2004). Tendo esta proposição como referência, a relação com entrevistados foi pautada pela compreensão dos sujeitos como não homogêneos, a valorização do Outro como sujeito da pesquisa e o entendimento da relação sujeito-pesquisador/sujeito-pesquisado como fundante para a criação de conhecimento.

Um aspecto constantemente considerado foi que esses sujeitos interagem em um contexto organizacional, compreendidos, por nós, como espaços construídos social e historicamente, complexos, dinâmicos e contraditórios, com autonomia relativa em relação a seus membros, mediadores dos interesses dos membros e dos objetivos para os quais foram criados (Faria, 2004). Foram entrevistados, nos dois trabalhos, 35 sujeitos, totalizando aproximadamente 44 horas de entrevistas. O grupo de entrevistados compreende alunos de administração, professores, administradores e trabalhadores da indústria automobilística.

Como pesquisadores críticos, construímos a relação entre pesquisador e pesquisado considerando (1) a força do relacionamento comunicacional, acreditando no ato próprio de pesquisa viabilizado pela capacidade do outro de expressar sua experiência do real de vida como forma e conteúdo para gerar abstrações conceituais e achados teóricos (Albandes-Moreira, 2002). De outra forma: entendemos que a pesquisa é mantida também pelo Outro e seu discurso; não há uma preocupação com a realidade evocada pelos relatos, importando, principalmente, os modos de ver que se revelam no discurso [...] já que qualquer fala é *ipso facto* profundamente correta, a atenção recai sobre o que subjaz à elocução (Lavie, 2001:7), e (2) a força rica e expressiva do contexto em que o material

empírico é coletado; não no sentido reducionista da ação do pesquisador como um arqueologista descobrindo dados encobertos por pessoas e fatos, mas no sentido que a vida real, imperativa ela própria, é o assunto do qual a visão de mundo de cada um é feita e no discurso isso se manifesta (Alblandes-Moreira, 2002). Assim, “a miragem de todo modo de ver decorre do fato de que um modo de ver só ganha sentido por um modo de dizer [...] a imagem toma o sentido de sua enunciação. Nossa visão de mundo é a busca do discurso que nos vincula a ele” (Lavie, 2001: 8-9).

Seguindo os indicativos de Batista-dos-Santos e Alloufa (2009) sobre o fazer característico de uma pesquisa crítica, procuramos manter uma atitude crítica em campo caracterizada por: (1) no contato com o entrevistado, colocarmos-nos como sujeitos cognoscentes, pelo exercício da reflexividade – Bourdieu (1997) considera a reflexividade sinônimo de método e essencial para o controle, por parte do pesquisador, quando do trabalho de campo, da relação social estabelecida entre ele e o sujeito de pesquisa; (2) considerarmos os sujeitos entrevistados também eles sujeitos cognoscentes e aptos a refletirem de forma crítica e dialógica a partir da narrativa e reflexão da narrativa que eles mesmos engendram e não como depositários de informações a serem extraídas, (3) participarmos objetivamente das entrevistas, colocando-nos como interlocutores aos entrevistados e não como interrogadores; (4) evitarmos uma postura de meros coletores ou receptores de dados. Dito de outra forma, procuramos encetar uma atitude que evitasse uma dupla reificação (do pesquisador e pesquisado), buscando ativamente uma relação baseada na interlocução e no reconhecimento da alteridade dos entrevistados.

Durante a fase de campo empírico buscou-se sempre, nos dois processos, garantir o respeito à autonomia e ao discernimento dos sujeitos que participariam da coleta de dados. Foram explicitados e esclarecidos os objetivos das pesquisas e descritos os passos da implementação da técnica, explicando, por exemplo, a necessidade de gravação das respostas, deixando um canal aberto para eventuais dúvidas futuras. Caso os sujeitos se declarassem dispostos a participar do processo, eram apresentados e esclarecidos termos de consentimento e de confidencialidade e agendados os procedimentos. As entrevistas foram realizadas em espaços privados, garantindo o conforto e a privacidade dos participantes.

Durante a realização das entrevistas tentou-se sempre proporcionar um espaço favorável à expressão, facilitando que os entrevistados manifestassem com a maior liberdade possível seu pensamento, opiniões, sentimentos, aspectos que considerassem relevantes de sua história de vida e sua relação com os focos das pesquisas. Enfatizamos, em todos os encontros, que os roteiros não previam respostas certas ou erradas, que o que importava era o que ele tinha a dizer sobre os temas propostos. A forma como os roteiros foram planejados facilitaram que, ao longo da elaboração das narrativas dos entrevistados, fosse estabelecida uma interlocução a partir dos conteúdos por eles fornecidos, considerando, como afirmam Batista-dos-Santos e Alloufa (2009: 8), que a “pesquisa crítica considera a relevância das narrativas que os sujeitos fazem das suas práxis como espaço de emergência do seu processo de construção de sentidos em sua relação com a totalidade”.

Um outro aspecto relevante no entendimento dos entrevistados como sujeitos ativos da pesquisa é a disponibilização dos resultados dos trabalhos para os mesmos. Um dos estudos ainda está em desenvolvimento, na fase de redação do documento final da tese, mas durante o contato com os entrevistados foi esclarecido o prazo para redação do trabalho, os procedimentos de defesa e foram registrados os contatos por email para que, ao fim do processo, fossem enviadas cópias de um relatório com a síntese do estudo. Também ficou acertado o envio de uma cópia da tese completa para a organização dos trabalhadores das duas indústrias pesquisadas.

## 6 Potencial emancipatório da pesquisa crítica: um diálogo em construção

Questionarmo-nos sobre o potencial emancipatório da pesquisa qualitativa exige o esclarecimento de que a emancipação não é tomada como uma categoria estanque, nem se demanda do momento empírico da pesquisa um potencial de iluminação e transformação automática dos sujeitos participantes do processo. Emancipação é por nós entendida como conscientização organizada a partir de reflexão racional, processo pelo qual o que aparenta ser ordem natural e essencial em uma sociedade cultural é decifrado e ressignificado como decorrente de uma ordem socialmente determinada em condições dadas de produção real da sociedade (Batista-Dos-Santos, Alloufa & Nepomuceno, 2010). Questionamo-nos, então, em sete pontos que envolve a questão:

1) Se a ideia de potencial emancipatório relaciona-se com a possibilidade do sujeito ressignificar, de maneira racional e reflexiva, momentos da sua práxis:

*essa entrevista eu compararia com uma retrospectiva. De 20 anos. Não só de casa (empresa), como da interação, da minha interação, da minha família, esta entrevista acaba por ser, é interessante, leva-me a pensar em aspectos no nosso dia a dia, na nossa correria, não está na nossa mente, nossa mente não está ocupada com esses aspectos. Houve aí perguntas que deixa as pessoas de fato, deixaram-me a pensar, portanto, uma retrospectiva, uma máquina do tempo. (entrevistado de pesquisa)*

*Esses momentos que você para pra refletir é bom porque você vai pensar na sua vida, nas experiências, no que passou, nas lições, nos aprendizados, nas barreiras, nas vitórias, não existe alegria sem sofrimento, não existe felicidade sem tristeza. [...] E foi bom pra pensar na vida, pra pensar na minha empresa. É bacana parar um pouquinho pra analisar. (entrevistado de pesquisa).*

2) Se o potencial emancipatório envolve a desnaturalização – ainda que parcial – da forma como se concebe o mundo social:

*Achei boa, mas por um lado ela traz um medo, né, de você não conseguir aquilo que você espera pra você, ou às vezes não é nem de não conseguir, eu fico pensando mais por esse lado de que o que eu penso pra mim hoje talvez não seja o que eu pense pra mim amanhã. [...] Até tava comentando esses dias no trabalho, engraçado, ultimamente eu tenho... não sei, talvez até resultado das entrevistas, que eu tô fazendo análise, deve ser [risos]... meio, é ruim assim indo trabalhar meio desmotivada, sabe? Num sei se é porque eu fico analisando aqui [nas entrevistas] e fico vendo tanto coisa que eu quero e lá não existe a possibilidade de eu realizar essas coisas que eu quero, entendeu? (entrevistado de pesquisa).*

3) Se pensar no potencial emancipador de uma pesquisa crítica é vislumbrar se ela permite aos sujeitos participantes que transcendam o momento em si e reflitam para além dele:

*Eu achei ótimo, eu adorei, essa de hoje você imaginar uma história, que tudo que a gente quer é realmente encontrar um aluno bem, então você voa. É até um trabalho interessante pra fazer pros alunos em sala de aula. Então, é uma atividade muito gostosa. A aula passada [aula, risos], o encontro passado foi interessante de pensar o curso ideal, e na primeira entrevista de voltar também lembrar de como que foi a graduação e tudo, então, gostei muito da estratégia da entrevista, da forma desenvolvida, achei muito legal. (entrevistado de pesquisa)*

*Essa última aqui agora eu até me empolguei um pouquinho porque já fui pensando... lá no futuro o que eu, como é que ia ser, nesse caso até que a gente nunca pensa numa conversa com um professor, depois de muito tempo, e explicar, e despertou algo mais ainda, que a cada entrevista foi despertando alguma coisa nova em mim de querer seguir realmente até onde eu atingir meu objetivo. (entrevistado de pesquisa)*

4) Se ela insere a dúvida, o questionamento:

*Foi bastante proveitosa porque poder ouvir algumas perguntas que nem eu mesmo tinha me perguntado... Então, através dessa entrevista, despertou outras coisas que eu ainda não tinha... Então eu gostei bastante, foi bastante proveitosa. (entrevistado de pesquisa)*

*Essa entrevista foi ótima. É muito bom a gente chegar ao finzinho e poder assim lembrar como era no começo, o que passou pra chegar aqui, e principalmente falar dessas inquietações que atingem muito a gente no final de tudo. (entrevistado de pesquisa)*

5) Se ela favorece a superação da aparência:

*Foi tranquilo, pra mim foi tranquilo. Eu acho que têm perguntas que às vezes a gente se atrapalha um pouco pra responder por que às vezes a gente vive, parece que vive em dois mundos né? Com um pé naquele mundo e no outro. Então às vezes a gente se atrapalha um pouco assim pra tentar resgatar o que, qual é o verdadeiro sentimento daquilo que tá por trás, daquilo que você quer expressar. (entrevistado de pesquisa)*

6) Se ela possibilita afastar-se das posições de certo e errado e convoca o sujeito falante a se responsabilizar pelo seu discurso.

*Algumas questões que tive que pensar, são questões que aumentam a curiosidade. São questões que nós às vezes pensamos, mas não pensamos nessa perspectiva. Correu bem, foi giro. Espero contribuir, ajudar em alguma coisa, foi engraçado. Uma verdadeira... as questões no fundo, eu vim praqui não sabia pra o que é que vinha, foi engraçado ver as questões que me foram colocadas, algumas não foram fáceis, mas não há certo nem errado, eu pensei, foi tudo bem. (entrevistado de pesquisa)*

7) Perguntamo-nos, ainda, se o potencial emancipatório se depreende da compreensão crítica da categoria trabalho, seja via construção de um entendimento teórico das contradições, seja pela reflexão sobre o local que o mesmo ocupa na estruturação e limitação da vida do sujeito.

*Me senti confortável, à vontade, sim, na entrevista. Pra mim é fácil dizer que há perguntas que eu nunca tinha pensado nisso porque há coisas que eu nem sequer me preocupo em pensar, me limito a viver e não vale a pena estar a perguntar porque é que é assim, porque é que é assado, porque esses vinte anos já me ensinaram que há coisas que não vale a pena a gente tentar mudar, enquanto dependerem de pessoas, porque a única coisa que muda são as pessoas. Todo o resto muda com as pessoas. Mas antigamente andávamos em estrada de terra batida, hoje andamos em estradas de alcatrão. O que é que mudou? Ah, foi o alcatrão, não mentira, mudaram as pessoas. Porque a estrada é a mesma. Pode estar mais bonita, mais pintada, mais rápida, mais confortável, mas a estrada é a mesma. Mas hoje eu pensei nisso tudo que eu nunca tinha pensado. (entrevistado de pesquisa)*

Como um retorno ao concreto do início da reflexão, não voltando ao mesmo ponto, mas como uma passagem em espiral, depreendemos que o potencial emancipatório de participar do empreendimento de uma pesquisa crítica inclui a manifestação da satisfação pessoal decorrente de ter a ela acedido e dela participado como um momento libertador:

*E me sinto também honrado em poder participar do seu trabalho, que será apresentado. Seu trabalho foi bacana e foi importante pra mim também. Muitos pontos aí nós tínhamos perdido né? Eu tinha esquecido algumas coisas aí. Nós deixamos pra trás. Deixamos. Isso (a entrevista) vai fazer com que eu pense um pouco nessas suas perguntas e nas minhas respostas e com certeza vai somar pra mim essa entrevista. (entrevistado de pesquisa)*



*Eu não sou muito introvertido, mas nessas situações ficava mais ou menos acanhado, mas hoje senti-me, você me libertou. Você fez-me buscar coisas e falar coisas que eu nunca pensei, fez-me ir, falar de coisas que nunca pensei, ou então pensei e nunca exteriorizei, nunca falei com ninguém, pronto, foi bom. (entrevistado de pesquisa)*

## Referências

- Adorno, T. W. (1980). Introdução à controvérsia sobre o Positivismo na sociedade alemã. In: Horkheimer, M.; Benjamin, W.; Adorno, T. W.; Habermas, J. *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 117-154 (Col. Os pensadores).
- Adorno, T. W. (2008). *Introdução à sociologia*. São Paulo: UNESP.
- Adorno, T.W. (1994). O Ensaio como Forma. In: COHN, Gabriel (Org.). *Theodor W. Adorno - Sociologia*. São Paulo: Ática, 167-187.
- Alblandes-Moreira, L.A. (2004). *Notas de Aula*. Disciplina Ensino e Pesquisa em Administração. Mestrado Acadêmico em Administração. Centro de Estudos Sociais Aplicados. Universidade Estadual do Ceará.
- Alblandes-Moreira, L.A. (2002). *An Exploratory Study on the Nature of the Representations of Organization, Manager and Management within a Group of Teachers of a Business School*. Ecole des Hautes Etudes Commerciales - Montreal, HEC, Quebec, Canadá, Tese de Doutorado.
- Batista-dos-Santos, A.C. (2005). *Crítica das representações de Organização e Administração de um grupo de proprietários-gerentes de micro e pequenas indústrias e de um grupo de docentes de Administração*. 145 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Estadual do Ceará, Ceará, Fortaleza.
- Batista-dos-Santos, A.C.; Alloufa, J.M.L. (2009). *Administração e Teoria Crítica: Epistemologia e Metodologia para as Pesquisas Críticas em Administração*. IN: Anais do II Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade. Curitiba.
- Batista-dos-Santos, A.C.; Alloufa, J.M.L.; Nepomuceno, L.H. (2010). Epistemologia e Metodologia Para as Pesquisas Críticas em Administração: leituras aproximadas de Horkheimer e Adorno. In: *RAE Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, 50(3), 312-324.
- Bourdieu, P. (1997). *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes.
- Demo, P. (1990). Dialética e qualidade política. In: HAGUETTE et all. *Dialética Hoje*. Petrópolis: Vozes.
- Faria, J. H. (2004). *Economia política do poder: fundamentos*. v. 1. Curitiba: Juruá.
- Faria, J. H. (org.) *Análise Crítica das Teorias e Práticas Organizacionais*. São Paulo: Atlas, 2007
- Faria, J. H. (2015). Epistemologia Crítica do Conceito e Momentos da Pesquisa: uma proposição para os Estudos Organizacionais. *RAM Revista de Administração Mackenzie*.16(5), 15-40.

- Goldenberg, M. (1997). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Ed. RECORD.
- Horkheimer, M. (2002). *Eclipse da Razão*. São Paulo: Centauro.
- Jovchelovitch, S.; Bauer, M. W. (2004). Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Kramer, S. (2001). Linguagem e História. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (Orgs.). *Teoria e educação no labirinto do capital*. Petrópolis: Vozes.
- Lavie, J. (2001). *O amor é o crime perfeito*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mills, C.W. (2008). *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Minayo, M. C. S. (2000). *O desafio do conhecimento*. Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: Hucitec.
- Richardson, R. J. et alli. (1985). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Santos, B. S. (2004). *Um discurso sobre as ciências*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- Vilela, R. A. T.; Napoles, J. N. (2008). *A pesquisa sociológica "Hermenêutica Objetiva": novas perspectivas para a análise da realidade educacional e de práticas pedagógicas*. 31ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Caxambu, MG. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT14-4741--Int.pdf>.
- Vilela, R. (2009). *A presença da Teoria Crítica no debate e na pesquisa educacional no Brasil e na Alemanha no período de 1995 à atualidade*. Belo Horizonte: CNPQ (Relatório de Pesquisa).